



**CENTRO DE HUMANIDADES, CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ALINE KYARA RIBEIRO SOARES

**AS FORMAS DO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE COMPARATISTA
DOS CONTOS *O SILÊNCIO DOS AMANTES* E *O QUE A GENTE
NÃO DISSE*, DE LYA LUFT**

**GUARABIRA-PB
AGOSTO DE 2013**

ALINE KYARA RIBEIRO SOARES

**AS FORMAS DO SILÊNCIO: UMA ANÁLISE COMPARATISTA
DOS CONTOS *O SILÊNCIO DOS AMANTES* E *O QUE A GENTE
NÃO DISSE*, DE LYA LUFT**

Artigo apresentado ao Departamento de Letras,
da Universidade Estadual da Paraíba, Campus
III, em cumprimento aos requisitos para
obtenção do título de graduada em Letras.

Orientadora: Profa. Ms. Monaliza Rios Silva.

GUARABIRA-PB
AGOSTO DE 2013

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECA SETORIAL DE
GUARABIRA/UEPB

S676f Soares, Aline Kyara Ribeiro

As Formas do Silêncio: uma análise comparatista dos contos O Silêncio dos Amantes e O que a Gente não Disse, de Lya Luft / Aline Kyara Ribeiro Soares. – Guarabira: UEPB, 2013.

17 f.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras)
Universidade Estadual da Paraíba.

Orientação Prof^a. Ma. Monaliza Rios Silva.

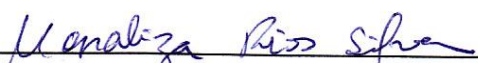
1. Incomunicabilidade 2. Relações Humanas 3. Literatura Brasileira. I. Título.

22.ed. CDD B869.3

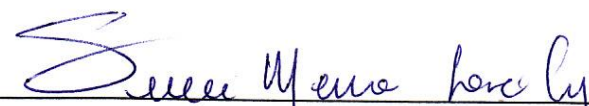
FOLHA DE APROVAÇÃO

O artigo "As Formas do Silêncio: uma análise comparativa dos contos *O Silêncio dos Amantes* e *O que a Gente não Disse*, de Lya Luft", da autora **Aline Kyara Ribeiro Soares**, foi apresentado no dia 27/08/2013, obtendo a nota: 8,5 (oito e meio)

BANCA EXAMINADORA:



Profa. Ms. Monaliza Rios Silva (DLE/CH/UEPB – Orientadora)



Profa. Dra. Sueli Meira Liebig (DLE/CH/UEPB – 1ª Examinadora)



Prof. Ms. Suênio Stevenson Tomaz da Silva (UAL/CH/UFCG – 2º Examinador)

GUARABIRA – PB
AGOSTO DE 2013

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo identificar o silêncio em suas formas mais profundas, encontradas nas relações humanas. Espera-se observar a incomunicabilidade que ronda as relações interpessoais numa ótica trabalhada pela autora Lya Luft, nas obras *O Silêncio dos Amantes* e *O que a Gente não Disse*. Fazendo uma análise comparatista destes dois contos da autora, intenciona-se apresentar um estudo dos mesmos através do movimento dos sentimentos entre os personagens, ou seja, “dos amantes”, dos referidos contos luftianos. De acordo com os conceitos Pós-Modernos, inspirados em ideias de Zygmunt Bauman (2004), em sua obra “Amor Líquido”, destacam-se os seguintes temas nas referidas obras: a retórica do silêncio que ronda a maior parte dos relacionamentos atualmente; a condição da mulher em meio a sociedade; os vínculos familiares; as incomunicabilidades entre casais; o sobrenatural com a questão da morte; dentre outros. Para desenvolvimento deste trabalho recorreu-se aos embasamentos teóricos de Eni Orlandi (2007), Tânia Franco Carvalhal; Eduardo de Faria Coutinho (1994), Zygmunt Bauman (2004), dentre outros.

Palavras-chave: Incomunicabilidade. Silêncio. Relações Humanas.

INTRODUÇÃO

Enquanto a sociedade se modifica, os relacionamentos humanos ganham uma nova didática, uma nova forma de expressão em meio à demanda social em que vivemos.

Dessa forma, não é mais novidade que muitos relacionamentos comecem em meio a conversas em espaços eletrônicos, que com a mesma velocidade que se constroem se desfazem apenas com um clique. As inovações tecnológicas fizeram com que os relacionamentos tomassem outros rumos e, assim, trazem à tona novos desafios, tais como: a incomunicabilidade entre os indivíduos na mágica dos relacionamentos românticos, familiares e de amizades. A Pós-Modernidade trouxe, com o advento da tecnologia e dos avanços científicos, uma realidade que ultrapassa tudo o que imaginamos, como bem diz Zygmunt Bauman (2004).

Sentimentos como o rancor, a raiva, a incompreensão, bem como o amor, compõem o nosso sujeito pós-moderno e são temas debatidos pela autora Lya Luft, em uma ótica realista que trata a literatura como uma ponte de reflexão dos sentimentos e do cotidiano humano, tendo em vista, as superficialidades dos relacionamentos e do silêncio que os ronda. Dessa forma, a autora nos convida ao mergulho num mundo narrado por personagens confusos, incertos, cheios de magoas, rancores e da eterna busca do amor, que sempre é sobreposto pelo silêncio que persiste em fazer parte dos relacionamentos.

De forma geral, o silêncio é o ingrediente principal dos contos de Lya Luft que em sua obra apresenta desde a imprevisibilidade dos acontecimentos até a ligação dos mesmos por meio de características peculiares, destacando o não-dito nos relacionamentos familiares e amorosos como um entrave que dificulta a mágica desses relacionamentos.

Com uma literatura densa e profunda, o *Silêncio dos Amantes* (2008) é um livro que prende a atenção do leitor. Com narradores-personagens traz uma busca pelos sentimentos da vida, pela dimensão que o ser humano deixa de

alcançar quando se deixa levar num relacionamento com o intuito de analisar a relação do silêncio nas interações humanas e refletir sobre a representação do silêncio nas relações amorosas. Na ficção de Lya Luft, fracionou-se o *Corpus Textual* para os contos “O que a Gente não Disse” e “O Silêncio dos Amantes”.

O objetivo deste artigo consiste em analisar, pela perspectiva comparativa, dois contos da autora Lya Luft, tomando como categoria analítica a temática do silêncio no universo ficcional de duas tramas.

Dessa forma, dando destaque à literatura desta autora, na busca de explicar como o silêncio toma forma nos relacionamentos e, como os sentimentos de amor, ranços, raiva, alegria, ódio, solidão, mesmo estando-se acompanhado, desespero e incompreensão, são vivenciados numa esfera social que impõem em nossas experiências, em especial, as experiências emocionais, tendo as variantes do tempo e espaço, do comportamento e dos sentimentos na temática existencial do ser humano.

Os contos de Luft são um mergulho no intimismo, tanto na temática solidão quanto no silêncio. É o momento em que o indivíduo se joga em si próprio para refletir sobre seu eu, seu comportamento, suas atitudes perante si mesmo e do outro. Em uma reflexão que traz sempre algo novo, um universo de problemas num mundo real, digno de uma estética pós-moderna.

1- SILÊNCIO

Através da leitura desses textos, observou-se que a experiência amorosa é, muitas vezes, o motivo do desajuste e do desencontro dos personagens luftianos, regados por doses de silêncio que assolam os relacionamentos numa esfera geral. O silêncio para Orlandi (2007, p 13):

O silêncio é assim a “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um”, para o que permite o movimento do sujeito.

Em *O Que a Gente Não Disse*, a autora conta uma história de uma mulher que não entende o porquê do marido ter cometido suicídio, quais foram os dilemas que o levaram a cometer tal ato e o porquê dela não ter identificado o mal que o rodeava para que ele pudesse ter feito tal coisa. Em ótica ficcional, a autora traz à tona a questão do silêncio como uma barreira que impede os amantes de se comunicarem entre si, de exporem seus problemas, suas aflições e que de certa forma criam uma inquietude na alma humana levando a atos incompreendidos pelo outro. Numa trajetória contada pela esposa que tenta refazer alguns trechos de sua história, procurando pontos que pudessem fazê-la entender a infelicidade de seu marido, percebemos uma forma de conformismo de sua parte para aceitar o que aconteceu, como nessa passagem do conto:

E se eu tivesse perguntado?
E se ele tivesse me dito?
Se eu tivesse merecido saber?
Isso me atormentou por longo tempo. Eu me sentia muito culpada. Hoje, acredito que não saber é o que torna a vida possível.
(...) Despediu-se de mim, foi ao laboratório onde trabalhava, pegou a poção que tinha preparado, a seringa, a agulha, e foi de carro até a árvore que amara tanto, logo fora da cidade (LUFT, 2008, p. 40).

Nessa mesma ótica, Lya Luft trata do silêncio como o próprio título já diz, *O Silêncio dos Amantes*, em que o conto trata da solidão a dois, ou seja, como dito nas palavras da autora: “é uma verdade: os casais padecem da incomunicabilidade” (LUFT, 2008, p. 41). Este conto retrata a falta de comunicação presente atualmente nos relacionamentos como um todo. Os casais padecem da marca que “tudo foi dito”, quando na verdade algumas palavras apenas foram perdidas ao vento ou muitas vezes nem tão pouco foram pronunciadas. A união de um casal é o ponto de partida neste conto. A referida autora trata da questão do recomeço da vida amorosa entre pessoas mais velhas e com marcas profundas na alma; uma com a dor do luto e a outra com a dor da traição e rejeição, como vê-se em:

(...) os dois queríamos voltar a viver, queríamos nos curar, ele do luto, eu da rejeição. Demorou algum tempo, mas ele aprendeu a rir, e eu voltei a me sentir valorizada. Descobrimos gostos comuns: aquele pianista, aquele maestro, aquela gravação, aqueles livros, aquele poema que líamos em voz alta (LUFT, 2008, p. 155).

O silêncio descrito pela autora em ambas as obras foi a forma que Luft encontrou de descrever as lacunas do relacionamento humano com palavras que nunca foram ditas, da própria incomunicabilidade entre os casais.

2. ANÁLISE DOS CONTOS

Diversas teorias do silêncio surgiram ao longo dos anos, dentro da esfera literária. Nesse sentido, a autora Lya Luft presta significativa contribuição em suas obras, tomando como base a análise dos contos “O Que a Gente Não Disse” e “O Silêncio dos Amantes”, compilados no livro de contos *O Silêncio dos Amantes* (2008). Nos referidos contos, a autora procura, numa tentativa de definição conceitual e de posição do silêncio, explicitar os relacionamentos humanos que, em suas palavras, os contos estão repletos de silêncio, cheio de sentidos e verdades, tornando visível que a incomunicabilidade nos relacionamentos impossibilita que um conheça o outro, levando a diversas descobertas, às vezes trágicas, dos sentimentos humanos. O foco dos contos narrados em 1^o pessoa é a incomunicabilidade entre os indivíduos.

O que bem descreve esta afirmação é a passagem do conto *O Que a Gente Não Disse* (LUFT, 2008). Neste conto, a autora descreve, através da personagem-narradora, o sentimento da personagem de angústia por não perceber a verdade sobre seu marido, sobre seus sentimentos, sobre a sua dor, conforme se vê nesta passagem:

Palavras podiam ter salvado a sua vida? Teriam poupado a minha dor, recomposto os nossos laços deteriorados e a gente fingia que não? Mas porque a gente se conhecia tanto, nem procuramos por elas. Palavras usam máscara de tragédia ou nariz de palhaço, abrem campos queimados até a raiz da última plantinha, como os que se estendiam entre nós. Eu achava que estava tudo bem, a vida era assim, casamentos eram assim, com sua dose de silêncio e desencanto (LUFT, 2008, p. 42).

Percebe-se, neste trecho, o silêncio presente no ato egoísta do marido que sobrepõe a si invés de seu relacionamento, silêncio este sempre constante e ignorado sendo legitimado pela instituição do casamento. Ainda percebemos,

na passagem acima, uma consonância com o que Bauman (2004) coloca sobre os relacionamentos amorosos. O sociólogo defende a ideia de que há uma frouxidão nas relações humanas nos tempos da Pós-Modernidade, uma vez que o imediatismo das coisas antecipa as ações e retarda as questões da emoção. Ou seja, os seres humanos passam de uma infância a outra, à medida que envelhece.

Na instituição do casamento, os ditames formais da sociedade calam as ações no sentido da demonstração dos sentimentos. Voltando à passagem que citamos, nota-se o uso das palavras se disfarça dentre o que se *quer* dizer e o que se *pode* dizer. Desta forma, o silêncio se apresenta como um comodismo, uma zona de conforto, que permite a continuidade do relacionamento e a perpetuidade da instituição do casamento, como um meio de se garantir a prosperidade, na ótica do capital.

No domínio da Teoria Literária, Luft (2008), no conto “O Silêncio dos Amantes”, também demonstra as possíveis falhas no relacionamento de um casal, baseados na ótica do silêncio, dando destaque significativo a este mais uma vez, que rodam os relacionamentos humanos. De acordo com o que se vê em: “Mais uma vez não falei nada. Já houve dor em demasia” (LUFT, 2008, p. 159).

A temática de ambos os contos é a dor gerada pela ausência da comunicação entre pessoas em relacionamentos amorosos, de como o silêncio interfere nesse sentido. O silêncio não deixa de ser uma linguagem, pois se pode dizer que ele é um “mergulho no mar da linguagem”, o silêncio leva os relacionamentos a certo grau de entendimento e mistério, segundo Luft (2008).

No capítulo que se segue, será feita uma análise dos referidos contos de Lya Luft, abordando os preceitos defendidos na Literatura Comparada, sendo esta a forma encontrada de fazer este trabalho, visto que a mesma serve como uma forma de estabelecer paralelos entre dois ou mais escritos literários.

3. O QUE A GENTE NÃO DISSE X O SILÊNCIO DOS AMANTES

Em *O Que a Gente Não Disse*, a autora procura descrever como a incomunicabilidade, ou seja, o silêncio, entre os amantes revela descobertas assombrosas sobre o ser amado.

O texto apresenta um casal que aparentemente se davam bem. Viviam em harmonia em sua casa, partilhavam dos mesmos gostos e dos mesmos programas. Porém, os silêncios que rondavam este relacionamento eram tão profundos ao ponto de a mulher descobrir seu marido morto, ao pé de uma árvore.

Nesta cena do conto, podemos perceber alguns símbolos que representam a ausência máxima: a morte e a solidão. A primeira, representada pela ausência da esposa (ausência esta, concretizada pelo não-dito entre os amantes); a segunda, representada pela árvore, pois o esposo – tendo sido encontrado morto ao pé de suas raízes – procurara se refugiar na terra (árvore) para perpetuar-se/transcender além da vida, já que as palavras não fariam este papel.

Acrescenta-se que a inquietude da alma da esposa é o tema dessa narrativa, pois representa bem a sua revolta, sem compreender o porquê do marido ter cometido suicídio e quais os sinais que ela não viu. Ela apresenta-se no texto como uma mulher do lar, uma representante típica do modelo de mulher submissa, retraída ao lar, a seus afazeres, e se era assim por que não percebeu “o mal que o roía”? (LUFT, 2008):

Eu não estava preparada. Nem quando parava para pensar na vida tinha imaginado aquilo. E não era muito de pensar na vida. Apenas cumpri minhas tarefas e sei que fui uma boa mulher para meu marido (LUFT, 2008, p. 39).

[...] Antes nunca pensei nisso. A gente não comentava nada que nos perturbasse. Eu era uma pessoa muito prática, para mim importava o presente. Vivia ocupada sendo feliz, tentando fazê-lo feliz, organizando família, parindo filhos, levando as crianças para a escola, indo às reuniões de pais. Estava

distraída sendo fútil, sendo alegre, sendo realizada com meu marido amado e meus filhos saudáveis, gastando pouco em roupas minhas, botando termômetro quando um deles estava com febre, fazendo bolo nas tardes de sábado (LUFT, 2008, p. 43).

Nestes trechos nota-se um elemento bem contundente na relação marido-mulher: a omissão. A negação da esposa em saber do/sobre o marido se dava pelo fato de ela se ocupar em ser Esposa/Mãe/Dona de Casa e esquecer-se de ser Mulher. Já que esta personagem se abnegara ao longo da permanência do casamento que não se deu conta do fim, pois o negara, deliberadamente.

Tem-se, nesta constatação, mais uma forma de silêncio: o das atitudes. No plano discursivo, notemos neste trecho: “[...] A gente não comentava nada que nos perturbasse” (LUFT, 2008, p. 43). O ato de comentar denota uma ação direta, não constitutiva de interação discursiva; o enunciador emite seu enunciado unilateralmente e o seu interactante não existe. Observamos, aqui, uma das formas de silêncio, segundo Orlandi (2007); forma esta, concretizada a partir do calar do outro, na produção discursiva.

Do plano simbólico, de acordo com Teles (1979) sobre a retórica do silêncio, ressaltamos a forma da abnegação de um suposto sofrimento posterior, pois, uma vez que não se fala/pronuncia o que incomoda, evita-se algo que “quebresse” a ordem do próprio silêncio; os sujeitos não agem nem no plano do discurso, nem no plano do simbólico.

Nesse conto a incomunicabilidade gera um sentimento de revolta. Inconformada, a esposa sente-se perturbada por não conseguir perceber o que se passava com seu marido. No conto, a autora mostra o questionamento da esposa quanto ao seu valor para com o seu marido. A passagem que segue descreve a monotonia o local onde o marido foi encontrado por ela, sem vida:

Apesar de todos os pratos que lavei, das camisas que passei, da casa que limpei, dos lençóis que dobrei, das flores que botei na sala, do muito que economizei, dos filhos que pari, cuidei e encaminhei, do carinho bom que partilhei – não tive grande valor para ele. Valor tinha essa que o guardava e o acolheu

debaixo da árvore que ele apontou milhares de vezes passando por ela de carro, e repetia sem notar que se repetia:

– Olha só, parece uma grande mãe. Como deve ser bom dormir ali embaixo (LUFT, 2008, p. 44).

O silêncio, mais uma vez, ganhou a luta travada pelos relacionamentos humanos. Ela se sentia traída pelo marido ter se matado, bem como em “O Silêncio dos Amantes”, a personagem feminina fora traída pelo marido. Diferentemente da primeira personagem, ela magoada pela traição física, que afeta sua alma, as suas emoções, levando-a para uma eterna melancolia, com seus traumas e angústias, ambas as personagens se mostram nitidamente feridas por seus companheiros, na busca de entender o silêncio que sempre se fez presente.

Nesse mesmo sentindo, encontramos na narrativa de “O Silêncio dos Amantes”, a busca por um novo relacionamento amoroso, por duas pessoas já abaladas pela vida, pelas circunstâncias que cercam o cotidiano deles. Estes amantes à procura do amor começam a viver juntos, descobrindo novas experiências, buscando a felicidade. Outro ponto interessante é a questão da solidão que ambos os personagens deste conto compartilham, representada pela seguinte passagem:

Valentim era, como eu, sozinho. Eu tinha sido traída por uma pessoa, ele pelo destino. Mas, ao contrário de mim, não conseguia deixar partir de verdade quem se fora (LUFT, 2008, p. 154).

Ele, abalado pela morte da esposa e do filho, por um assaltante, roído pela angústia, pelo rancor e pelo desespero de não poder ter feito nada para evitar esta situação. A questão do sobrenatural é abordada nesse conto, quando a mulher afirma ver a primeira esposa morta de seu marido e que ele sonha com ela e a chama em sonhos.

Ela é uma mulher já vivida, traída e abandonada pelo marido, mas que encontrou em Valentim uma nova chance de viver um novo amor. Há certo toque gótico na história, na forma de um fantasma que ronda os personagens, como na seguinte passagem do texto:

[...] Não tem importância que a mulher morta venha, que espie tristemente pela janela ou se esconda entre as árvores. Talvez espreite a felicidade do homem com outra mulher e sofra (LUFT, 2008, p. 159).

Mas o verdadeiro fantasma era, como tantos personagens da coletânea, o silêncio, que sempre se encontrava presente quando se queria dizer algo ao outro. Valentim era considerado um fantasma que vive sofrendo, segundo as palavras da autora.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se, na presente discussão, analisar a presença do silêncio nos contos de Lya Luft, bem como entender como o silêncio se encontra em vários prismas diferentes na representação de seus personagens.

Os relacionamentos humanos encontram-se divididos em camadas finas de segredos e revelações, Lya reflete em seus contos o peso da ausência da palavra enquanto sentimento de seus personagens. O silêncio serve como principal elo de ligação entre os contos, refletindo o intimismo dos seres humanos.

A mulher que não compreende o porquê de seu marido ter se matado não conseguindo superar o silêncio imposto entre eles contradiz com a personagem do outro conto em que o próprio silêncio serve como elo. Dessa forma, podemos observar o papel semântico do silêncio no discurso representativo, através do tema afetividade, presente nos contos em análise.

O silêncio se encontra como o sentimento mais comum dentro dos relacionamentos, familiares ou amorosos, sempre repleto de simbolismo e linguagem na análise da esfera literária. O livro **O Silêncio dos Amantes** trata de sentimentos profundos da alma humana: amor, perda, solidão, angústia e paixões que se misturam nas obras constantes do livro, na identificação das falhas nas comunicações entre os indivíduos e como esse silêncio se perdura nesses relacionamentos.

REFERÊNCIAS

BAUMAN, Zygmunt. **Amor Líquido**: sobre a fragilidade dos laços humanos. Trad. Calos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2004.

CARVALHAL, Tânia Franco; COUTINHO, Eduardo de Faria. **Literatura Comparada**: textos fundadores. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

CARVALHAL, Tânia Franco (Coord.). **Culturas, Contextos e Discursos**: limiares críticos do comparatismo. Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 1999.

LUFT, Lya. **O Silêncio dos Amantes**. 5ª Ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Editora Record, 2008.

NITRINI, Sandra. **Literatura Comparada**: História, Teoria e Crítica. São Paulo: EDUSP, 1998.

SANTOS, Rita Aparecida. **Amor e Morte**: tensão dialética no discurso luftiano. Cadernos de literatura e diversidade – UEFS. Faria de Santana, v. 1, n. 1, 2002.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As Formas do Silêncio**: no movimento dos sentidos. 6ª Ed. Campinas–SP: Editora Unicamp, 2007.

TELES, Gilberto Mendonça. **A Retórica do Silêncio**: teorias e práticas do texto literário. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.